Conceituando weblog jornalístico a partir de Otto Groth[1]

Leonardo Feltrin FOLETTO[2]

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Desde final do século passado, os weblogs vêm se incorporando a prática jornalística como um dos fenômenos mais inovadores dos últimos anos no jornalismo (GUILLMOR, 2004). Ainda assim, as principais tipologias de weblogs já produzidas (BLOOD, 2001; SILVA, 2003; RECUERO, 2003) não contemplam de forma clara o que vem a ser um weblog jornalístico. Este artigo visa desenvolver, de maneira inicial, um conceito do que vem a ser um weblog jornalístico; para isso, procura trabalhar com os conceitos e pressupostos teóricos presentes na obra do alemão Otto Groth, um dos pioneiros na pesquisa em jornalismo e na fundação das Teorias do Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias do Jornalismo – Weblogs – Jornalismo Digital – Jornalismo Participativo

1. Introdução: de weblog à weblog jornalístico.

O advento dos weblogs como um tipo específico de sítio da World Wide Web data de meados da década passada. Segundo Blood (2001), Paquet (2002), Bausch, Haughey e Hourihan (2003), Larrondo Ureta (2005), Hoolbrook (2006), Araújo (2006) e López e Otero López (2007), dentre outros, sua nomenclatura aparece em 1997, quando Jorn Bager junta as palavra "web", empregada comumente como uma abreviatura da World Wide Web (WWW), e "log", que indica, dentre outras coisas, "um registro cotidiano de atividades", para dar nome a um tipo de site que atuava como espécie de "filtro" do conteúdo disponível na web – um "registro de atividades da web", ao pé da letra. Neste primeiro momento, estes sites eram produzidos por webdesigners e desenvolvedores de programas para a internet (PAQUET, 2002), pessoas que tinham conhecimento das linguagens de programação da web e eram assíduos "navegadores" do ciberespaço. Em 1999, surge o primeiro software gratuito de produção de weblogs,

[1] Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

[2] Mestrando do Curso de Mestrado em Jornalismo da UFSC, membro do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Jornalismo (http://www.lapjor.cce.ufsc.br), liderado pelo prof. Dr. Elias Machado. Email: leofoletto@hotmail.com

desenvolvido pela empresa americana Pitas (OLIVEIRA, 2002). Este software se torna um marco na popularização do weblog pois tira a necessidade do seu produtor de ter conhecimento avançado em linguagens de programação, o que torna o blog uma ferramenta de acesso fácil também para os "não iniciados" na web (GRANIERI, 2005). Em agosto do mesmo ano, surge o primeiro sítio que oferece um serviço de produção e hospedagem gratuita de blogs, o Blogger, que torna possível a produção de um weblog para qualquer pessoa que tenha acesso à internet. É através dos "moldes" oferecidos pela ferramenta oferecida por este sítio, e também por outros criados logo depois, que o blog consolida o seu formato padrão e ganha as características que hoje nos faz reconhecer-los e diferenciá-los de outros sítios web.

A flexibilidade e a liberdade de edição e criação que o formato proporcionou aos seus produtores/editores (conhecidos como blogueiros no Brasil, *bloggers* no original em inglês) fez com que ele rapidamente ganhasse os mais variados usos e finalidades, adentrando nas mais diversas áreas do conhecimento. Dentre aquelas em que ele ganhou um espaço importante está o jornalismo. A data citada como marco da efetiva aproximação dos weblogs com o jornalismo tem um histórico trágico para a humanidade, especialmente para os americanos: 11 de setembro de 2001. Embora já se rascunhasse uma aproximação alguns anos antes, com a criação dos primeiros blogs em meados da década de 1990, é com os atentados terroristas às Torres Gêmeas do World Trade Center que os weblogs passam a ter visibilidade para o grande público e, como conseqüência disso, passa a ser vislumbrada a função que eles poderiam ocupar no jornalismo. Autores como Blood (2002, 2003), Hiler (2002), Dovigi (2003), Gillmor (2004) e Orihuela (2005, 2006) consideram que, a partir desta data, os testemunhos pessoais sobre determinados acontecimentos, situações ou lugares, que já correspondiam à grande parte da blogosfera, passaram a ganhar maior importância como informação de relevância jornalística; isso se dá em grande parte devido ao caos que se tornou a busca por qualquer tipo de informação sobre o que estava acontecendo nos locais dos atentados e também porque, do outro lado, havia pessoas que desejavam compartilhar suas histórias e, como diz Hiler (2002), "publicar a verdade". Dan Gillmor, em entrevista à Andrews, afirmou que o caos que se instaurou no mundo todo com a intensa busca de informação sobre as vítimas do atentado foi o "ponto da virada" para o mundo dos blogs: "Nós tivemos uma explosão de testemunhos pessoais e

públicos, e alguns deles eram bastante poderosos. Eu me lembro do velho clichê que dizia que os jornalistas escreviam o primeiro rascunho bruto da história. Bem, agora os blogueiros é que estavam escrevendo esse rascunho" (GILLMOR apud ANDREWS, 2006).

Poucos meses depois já se notava um crescimento significativo de blogs sendo usado como fontes de informação de relevância jornalística, fazendo com que eles, de alguma maneira, passassem a influenciar o jornalismo. Recuero (2003) diz que "essa influência se tornou muito mais clara a partir do início da guerra no Iraque [em março de 2003] com o aparecimento na mídia e no ciberespaço dos warblogs, blogs que têm como foco central a questão da Guerra, sob as suas mais diversas formas" (RECUERO, 2003). Os editores destas páginas da web contavam o dia-a-dia da guerra sob o seu ângulo, personalizando a informação passada na persona do autor que as divulga, contrapondo-se com a visão objetiva e impessoal que o jornalismo tem como prática consolidada. A partir de então, os weblogs com informações jornalísticas, produzidos por jornalistas ou não, passaram a ganhar espaço no jornalismo digital. E, naturalmente, esse crescimento provocou discussões sobre o real valor da informação postada nos blogs, já que muitos dele não se utilizavam dos procedimentos adotados pelo jornalismo praticado pela mídia tradicional. Essas discussões surgiram em torno principalmente de uma questão: podem os blogs praticar o jornalismo?

Para alguns autores, como a norte-americana Rebeca Blood (2001), o blogueiro não poderia utilizar as técnicas jornalísticas – pelo menos não da forma como estas foram concebidas inicialmente:

> "Apesar de considerar os weblogs como um componente vital de uma rica dieta midiática, no fim das contas, weblogs e jornalismo são simplesmente coisas diferentes. O que os weblogs fazem é impossível para o jornalismo tradicional de reproduzir, e o que o jornalismo faz é impraticável de ser feito em um weblog. Para mim, reportar notícias consiste em entrevistar testemunhas e especialistas, checar fatos, escrever uma perspectiva original sobre um assunto, e supervisão editorial: o repórter pesquisa e escreve a história, e seu editor assegura-se de que ela está de acordo com suas expectativas. Cada passo é desenvolvido para se alcançar um produto consistente que é divulgado de acordo com os

> padrões da agência de notícias. Weblogs não fazem nada disso". (BLOOD, 2001).

Para outros, como Lasica (2002), os blogs devem ser definidos como uma forma de "jornalismo amador"; se nem todos eles produzem ou contêm notícias, diz Lasica, grande parte produz, e essa produção pode ser classificada como um novo tipo de jornalismo em que muitas das expectativas profissionais atuais não estarão presentes. Wall (2004) vai numa linha parecida ao dizer que eles são como um "mercado informal" do jornalismo, onde a entrada é mais fácil para os "pequenos jogadores – no caso, os jornalistas-blogueiros.

Orihuela (2006) considera equivocada essa associação dos blogueiros a jornalistas amadores. Para ele, os weblogs podem até ser jornalismo, porém não pelo simples fato de serem weblogs, e sim por seguirem determinadas regras da profissão que, também, podem ser praticadas nos blogs. Se estes blogueiros conseguirem adotar as normas éticas e profissionais do jornalismo, eles farão jornalismo; caso contrário, assim como ocorre em qualquer outra profissão quando uma pessoa não tem o conhecimento para praticá-la e, portanto, não pode adotar as normas éticas e profissionais dela, um blogueiro também não será um jornalista se não respeitar estas mesmas regras referentes ao jornalismo. Pelo menos não ao jornalismo como conhecemos hoje.

Há ainda os que trabalham mais com as transformações que o weblog está causando no jornalismo do que com a questão se o jornalismo pode ou não ser praticado por um blogueiro em um weblog. Um dos pesquisadores que vai por este caminho é o brasileiro Palacios (2006 a). Em um artigo apresentado em Córdoba, na Argentina, no final de 2006, o autor indica oito efeitos oriundos da aproximação entre a blogosfera e o campo jornalístico, decorrentes de uma série de questionamentos que esta aproximação está trazendo ao *habitus* do campo jornalístico. Estes efeitos, por sua vez, trazem como conseqüência três diretrizes de alargamento do campo jornalístico, que são apresentadas como sendo jornalismo difuso, jornalismo de recuperação da informação residual -

"jornalismo lateral", e jornalismo de aprofundamento da colaboração - "jornalismo colaborativo"(PALACIOS, 2006 a; FOLETTO, 2007).

Como estas mudanças se encontram em plena ação, ainda é cedo para apontar com mais precisão que tipo de jornalismo poderá emergir de todas estas transformações que, de resto, não são somente causadas pelos weblogs, mas, em escala maior, pela internet e todas as redes digitais do qual a internet faz parte. Com relação aos blogs, o que parece evidente hoje é que são inúmeros os casos de weblog jornalístico encontrados em todo o planeta. E se faz necessário a busca por uma definição do que é um weblog jornalístico, haja vista que, dentre muitas das tipologias de weblogs já existentes (BLOOD, 2002; SILVA, 2003; RECUERO, 2003, são talvez as mais relevantes), não há uma que contemple de forma clara o que vem a ser um blog jornalístico. O mais próximo de uma tentativa de sistematizar a compreensão da posição do weblog no jornalismo através de conceitos e tipologias é a pensada por Quadros, Rosa e Vieira em um artigo de 2005. Os três pesquisadores brasileiros propõem, a partir de uma classificação prévia de blogs feita por Scott (2004) em protótipos de blogs e blogs contemporâneos, uma definição de blog jornalístico como blogs informativos de cunho noticioso e opinativo (QUADROS, ROSA E VIEIRA, 2005), analisando dois blogs a partir de critérios como valor da notícia, atualização, conteúdo e tecnologia. Infelizmente, elas não determinam tipologias a partir destas categorias de análise, o que torna o trabalho um primeiro passo para uma definição mais completa.

É com o intuito de seguir nesta busca por uma definição de weblog jornalístico que, na seqüência deste artigo, será apresentado uma das mais clássicas definições de jornalismo, a cunhada pelo alemão Otto Groth, publicada em sua obra *Die Zeitung*, de 1928. Ao fim, a partir da teoria de Groth e das definições já existentes de blog, propõe-se uma definição operacional inicial de weblog jornalístico.

2. O jornalismo para Otto Groth;

O alemão Otto Groth, aluno de Max Weber, desenvolveu uma série de estudos sobre o jornalismo; boa parte deles está em sua obra mais conhecida, Die Zeitung (O

Jornal), de quatro volumes, que começa a ser escrita em 1910 e que foi publicada entre 1928 e 1930. Outra reflexão sobre o tema, ainda mais aprofundada e organizada, encontra-se em *Die unerkannte culturmacht. Gruddlegung der zeitungswiessenschft* (O desconhecido poder da cultura: fundamentação da ciência jornalística), estudo em seis volumes que começou a ser publicada em 1960 e que o ocupou até sua morte, cinco anos depois. Infelizmente, esta obra não se encontra traduzida para nenhuma outra língua que não o alemão, o que dificulta o estudo em escala mundial da teoria jornalística de Groth. Ademais, sua obra foi esquecida pelo advento dos estudos das ciências da comunicação em meados da década de 1960, que, segundo Genro Filho (1987), acabou por não destacar o jornalismo como um objeto específico a ser desvendado. Isto contribuiu para que os estudos de Groth, quarenta anos depois de sua morte, ainda sejam relativamente desconhecidos pelos pesquisadores de jornalismo quanto.

Esclarecido este ponto, cabe dizer que Groth dedicou grande parte de seu esforço intelectual para a determinação e consolidação da Ciência Jornalística. Para isso, ele propôs algumas condições para que ela possa ser considerada uma ciência (ciência da cultura). A primeira diz respeito ao objeto próprio; para ele, a ciência deve buscar seu próprio Objeto Científico, que será aquele que não foi investigado até então. O pesquisador espanhol Angel Faus Belau, que traduziu boa parte de *Die Zeitung* para o espanhol em sua obra *La Ciência Periodística de Otto Groth*, de 1966, complementa dizendo que o objeto próprio "pode ser um objeto já investigado, mas neste caso a ciência nova deve observá-lo desde outros pontos de vista que a permitam atuar de modo original" (FAUS BELAU, 1966, p.24).

Groth afirmava que o objeto da Ciência Jornalística é constituído pelos periódicos e revistas, que são entendidos pelo pesquisador não como algo diferente e isolado, mas como partes de um todo, que ele nomeou como *Periodik*. Faus Belau complementa a questão advertindo que

> "para Groth, a Ciencia Jornalística deve investigar todas as publicações que apareçam periodicamente como um só fenômeno em

> seus elementos. Sua obra tem sempre presente a 'unidade confirmada historicamente de revistas e periódicos', pelo que Groth propõe para os dois o nome de 'periodik'. Este termo abarca não somente o jornal como também a empresa jornalística em seu conjunto (FAUS BELAU, 1966, p. 17)".

Apesar das reflexões de Groth versarem fundamentalmente sobre o jornalismo impresso, boa parte da teoria jornalística do autor, segundo Faus Belau (1966), pode ser aplicada ao Telejornalismo e ao Radiojornalismo. Mais recentemente, Fidalgo (2004) diz que, sob o ponto de vista sistemático e conceitual de Groth, também o jornalismo online é considerado jornalismo, o que abre precedentes para que a teoria do pesquisador alemão abarque "jornalismos" praticados nos mais diferentes meios.

2.1. O ideal e o conceito de jornal;

Segundo Groth, o jornal é primeiramente obra cultural e, portanto, uma realidade de sentido. O exterior, a forma e a produção técnica não têm valor para a determinação do conceito e do objeto da ciência do jornalismo. Como afirma Faus Belau, o que vale em uma obra cultural é o seu ser, seu sentido. Fidalgo (2004) complementa o mesmo enunciado dizendo:

> "A materialidade do jornal, o seu método de produção, são extrínsecos á essência do jornal. A essência ou a identidade de um jornal mantém-se a mesma, independentemente de sua materialização, seja em papel impresso, em letras escritas numa parede ou nas palavras de um rádio. É por isso que podemos chamar jornal a um jornal impresso, a um jornal radiofônico e a um telejornal. O que faz de um jornal um jornal, e o que faz que seja este jornal e não outro é a idéia ou o princípio que lhe subjaz" (FIDALGO, 2004, p. 261).

Disso se conclui que a realidade de um jornal não começa com o primeiro exemplar físico - seja ele um telejornal diário ou um weblog jornalístico – mas sim com a idéia do jornal atuando na mente do seu autor. A idéia passa a ser uma realidade ideal,

e "é a partir daí que o autor da idéia inicia os trabalhos a serem realizados, e começa a sacrificar-se por ela "(GROTH apud FIDALGO, 2004, p.261).

A partir da afirmação de Groth, que confirma "a natureza ideal do jornal enquanto criação cultural", é que podemos considerar, sem qualquer problema, o weblog jornalístico como jornalismo, assim como podemos fazer também com um jornal impresso, um telejornal ou um radiojornal. Fidalgo (2004) ainda afirma que se pode considerar que um mesmo jornal pode ter até diferentes materializações – e ele diz que, particularmente, é isso que acontece com muito jornalismo online, "que consiste apenas numa materialização de jornais que se concretizavam anteriormente em outros suportes, impressos, radiofônicos ou televisivos" (FIDALGO, 2004, p.262). Com relação aos weblogs, aqui cabe uma ressalva: por mais que muitos dos blogs jornalísticos hoje se apresentem quase como uma mera transposição de uma coluna de opinião de um jornal impresso que, como diz Palacios (2006 b), "mudaram de nome e se tornaram mais dinâmicas, com atualização contínua e a possibilidade de inserção de comentários dos leitores", há de se salientar que eles formam um gênero novo dentro do jornalismo, com suas próprias características. Como diz Rebecca Blood (2002), "weblogs não são apenas uma variação digital de uma fórmula estabelecida. Tudo neles – seu formato, sua relação através de links, sua imediaticidade, sua conexão com outros blogs – é uma forma derivada do meio em que eles nasceram" (BLOOD, 2002, p.11).

Considerando o jornal como um ideal que, posteriormente, se materializa nos mais variados meios - impresso, radiofônico, televisivo, online, weblog –, Groth define o objeto jornal como sendo

> "um produto caracterizado por seis traços pertinentes: a periodicidade (*Periodisches Erscheinen*), a aparição pública (*öffentliche Erscheinen*) – ou seja, o produto precisa estar acessível a todos ou ao maior número possível de pessoas de uma determinada comunidade –, a diversidade de conteúdo (*Mannigfaltigkeit*) – ou seja, trata-se de um corpus discursivo que apresenta o maior número possível de assuntos –, o interesse geral (*Allgemeinheit des Interesses*) – requer, portanto ser um discurso que interesse à coletividade –, a atualidade (*Aktualität*) – o que implica dizer que essa categoria de enunciados precisa, conseqüentemente, estar calcada na contemporaneidade – e, por fim, esse

> tipo de discurso se caracteriza por ser uma produção profissional (*Gewerbsmässige Erzeugung*), ou seja, é um empreendimento econômico (*Wirtschaftliches Unternehmen*), o que exclui, nesse caso, projetos amadores "(GROTH apud Araújo, 2004)

Groth aponta seis traços do produto jornal, mas trabalha com quatro características essenciais que um jornal deve ter, a saber, a periodicidade, a universalidade, a atualidade e a publicidade (FIDALGO, 2004). Uma observação pertinente quanto à característica da universalidade é trazida por FAUS BELAU (1966). Ele diz que o termo *Kollektivitat*, a quem o discurso do jornal interessaria, "é a coleção, a união de vários objetos, mas não a extensão em todas as direções, a integridade de todos os terrenos da vida" (FAUS BELAU, 1966, p.93). Assim, continua o autor, "o conceito de '*kollektivitat*' tem, pois, um duplo significado: a variedade colecionada e o limitado". É necessário que se leve isso em consideração porque, como o autor continua explicando, "esta universalidade também pode possuir as revistas 'universais' através da limitação de sua atualidade. Acrescenta-se aqui também a observação de FIDALGO (2004): "o que a universalidade do jornal significa é que tudo o que diga respeito ao homem é idealmente objeto da mediação jornalística". De outra forma, isto significa dizer que a universalidade de que fala Groth pode ser almejada também através de uma visão mais selecionada e especializada da realidade, como a que fazem certas revistas, periódicos, programas de rádio e televisão, sites e, por que não dizer, weblogs.

3. Conceituando weblog jornalístico;

Nesta parte final do artigo, passa-se para a definição inicial de weblog jornalístico. Para isso, apresenta-se o conceito de blog proposto por Alonso e Martinez (In DÍAZ NOCI, SALAVERRÍA, 2003). Dentre os muitos conceitos de blogs existentes, opta-se por este por ser uma definição bastante completa e esclarecedora do que se entende por weblog, além de, obviamente, o conceito ser adequado para a definição operacional de weblog jornalístico que se quer propor aqui:

> "Weblog é um meio interativo definido por cinco pontos: é um espaço de comunicação pessoal, seus conteúdos abordam abarcam qualquer tipologia e são apresentados com uma marcada estrutura cronológica, o sujeito que os elabora pode usar links a outros sítios da web que tem relação com os conteúdos que se desenvolvem e a interatividade aporta um alto valor agregado como elemento dinamizador no processo de comunicação " (ALONSO E MARTINEZ In DÍAZ NOCI, SALAVERRÍA, 2003)

Ao se juntar com o conceito de jornalismo apresentado por Groth na segunda parte deste artigo, temos uma primeira definição conceitual do que vem a ser um weblog jornalístico: *um meio interativo pessoal localizado na World Wide Web com marcada estrutura cronológica – conteúdos organizados em ordem cronológica reversa – que tenha as características de periodicidade, universalidade, atualidade, publicidade definidas e produzidas em acordo com as técnicas e a deontologia do jornalismo e que tenha a interatividade como elemento dinamizador do processo de comunicação.*

Acrescenta-se que o uso da interatividade como elemento dinamizador do processo de comunicação é possibilitado largamente pela constância do uso de links para outros sítios web que tenham relação direta com o conteúdo jornalístico de cada *post*, possibilitando um maior aproveitamento do potencial conversacional da world wide web e, consequentemente, um melhor uso das ferramentas disponíveis na rede para a construção de uma informação jornalística de qualidade.

Este conceito de weblog jornalístico está longe de ser – e pretender ser – definitivo; ele é apenas um esforço inicial de sistematização conceitual de uma prática que se apresenta cada vez mais complexa na atualidade. A busca por uma definição de weblog jornalístico é um aporte inicial necessário para a compreensão de outros aspectos desta prática, como os seus sistemas de produção, a sua circulação e o seu consumo, objetivo que ficarão para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Artur Vasconcellos. **Weblogs e jornalismo: os casos de No Mínimo Weblog e Observatório da Imprensa (Bloi)**. 900 p. 2 v. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2006.

ALONSO, Jaime; MARTINEZ, Lourdes. **Medios interactivos: caracterización y contenidos**. In: SALAVERRÍA, Ramón; NOCI, Javier Díaz. Manual de Redacción Ciberperiodística. Barcelona: Ariel, 2003. cap.6, p. 261-305.

ANDREWS, Robert. 9/11: **Birth of Blogs**. 2006. Disponível em: <http://www.wired.com/news/culture/media/0,71753-0.html>

BAUSCH, Paul; HAUGHEY, Mattew e HOURIHAN, Meg. **We Blog: Publishing online with weblogs**. Indianapolis (USA): Wiley Publishing, 2002.

BLOOD, Rebecca. **Weblogs: A History and Perspective**. 2001. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html> Acesso em: 2 ago. 2007.

_____. **We've got blog: how weblogs are changing our culture. Cambridge** (USA): Perseus, 2002.

_____. **Weblogs and Journalism in the Age of Participatory Media**. 2003. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblogs_journalism.html> Acesso em: 19 maio. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

DOVIGI, Maurizio. **Blog: Il tuo pensiero online con un clic**. Milano; Apogeo, 2003.

FAUS BELAU, Antonio. **La ciencia periodística de Otto Groth**. Pamplona, Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra, 1966.

FIDALGO, António. **Jornalismo on-line segundo o modelo de Otto Groth**. In Pauta Geral nº6, 2004. Salvador; Calandra, 2004.

FOLETTO, Leonardo. **Os weblogs como propulsores do alargamento do campo jornalístico**. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) – Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. **Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción**. Buenos Aires; La Crujía, 2006.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GILLMOR, Dan. **Nós, os Media**. Lisboa; Presença, 2004.

GRANIERI, Giuseppe. **Blog Generation**. Roma: Laterzi, 2005.

HILER, John. **Blogosphere: the emerging Media Ecosystem. How Weblogs and Journalists work together to Report, Filter and Break the News**. 2002. Disponível em: <http://www.microcontentnews.com/articles/blogosphere.htm> Acesso em: 15 out. 2007

HOOLBROOK, Daniel L.**Theorizing the Diary Weblog**. Master's Thesis (Master of Arts) – Master of Arts Program in the Humanities, University of Chicago, 2006. Disponível em: http://www.ourboldhero.com/research/theorizing.pdf Acesso em: dois dez. 2007

LARRONDO URETA, Ainara. **Presença del formato weblog em los cibermedios; uma aproximacción a su usos y funciones**. In: Revista Latino Americana de Comunicação Social, nº60 (2005). Disponível em: http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/819/81986007.pdf. Acesso em: 29 nov. 2007

LASICA, J.D. **Blogging as a form of Journalism.** 2002. Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017958873.php> Acesso em: nove mar.2007

_____ (b). **What is participatory Journalism?** 2003. Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1060217106.php> Acesso em: 12 fev. 2007

LÓPEZ, Xosé; LÓPEZ, M. Otero. **Bitácoras: La consolidación de la voz del ciudadano.** Lã Corunã; Netbiblo,2007.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. 214 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal da Bahia.

ORIHUELA, José Luis. **Weblogs: el medio y el mensaje**. Nuestro Tiempo (Pamplona), nº. 601-602, julio-agosto 2004, pp. 48-53.

_____; ALONSO, Julio; ANTÚNEZ, José Luiz; ORDUÑA, Octavio Isaac Rojas; VARELA, Juan. **Blogs - La conversación en Internet que está revolucionando medios, empresas y a ciudadanos**. Madri: ESIC, 2005.

_____, [**Entrevista disponibilizada em 2 de novembro de 2006, a Internet**]. 2006. Disponível em: <http://www.andresmilleiro.info/blog/entrevista-a-jose-luis-orihuela> Acesso em: sete jan. 2007

PALACIOS, Marcos. **Alargamiento del campo periodístico na era del blogging**. Trabalho apresentado em colóquio na Universidade Nacional de Córdoba. Córdoba: dezembro de 2006 (a).

_____. **Blogosfera e jornalismo on-line no Brasil Ou Porque Noblat, Josias e cia. Não fazem Blogs**. Artigo apresentado na LUPA, Revista Laboratório da Faculdade de Comunicação da UFBA. Salvador: maio 2006 (b).

PAQUET, S. **Personal knowledge publishing and its uses in research**. 2002. Disponível em: <http://radio.weblogs.com/0110772/stories/2002/10/03/personalKnowledgePublishingAndItsUsesInResearch.html> Acesso em: 4 jan.2007

QUADROS, Claudia Irene; ROSA, Ana Paula e VIEIRA, Josiany. **Blogs e as Transformações no Jornalismo**. Revista da E-Compos número 3, agosto de 2005, disponível em <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: 28 nov. 2007.

RECUERO, Raquel. **Warblogs: os Blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online. 2003**. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf> Acesso em: 13 fev.2007

SETTON, Maria da Graça. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe20/anped-20-04.pdf>

SILVA, Jan Alyne. **Mãos na Mídia: Weblogs, apropriação social e liberação do pólo de emissão**. 170 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2003.

WALL, Melissa. **Blog as black market journalism: a new paradigm for news** (2004). Disponível em: http://bcis.pacificu.edu/journal/2004/02/wall.php Acesso em: três fev. 2007